

## **RESUMO DO ARTIGO SOBRE COMPLEXO DE INFERIORIDADE**

Gordon W. Allport (1897 -1967) como o iniciador da teoria da personalidade e fundador da psicologia humanista, em seus estudos registra que toda a combinação de fatores, elementos e influências determinam que as pessoas são de fato diferentes umas das outras e, desse modo, possuem comportamentos igualmente diferentes.

Para ele, o homem é um sistema aberto, que permite que ele se molde em interação com seus semelhantes e com o meio ambiente, pois ele não apenas tira, mas também dá aqueles com quem entra em contato. O emblema da singularidade, que todos carregamos e que resulta de complexas inter-relações de fatores, permite que a personalidade seja vista como uma rede de organização (cuja estrutura inclui uma variedade de sistemas celulares), uma rede modelada pela hereditariedade e experiências ambientais que nunca se repetem, o que de fato o torna único.

Já no pensamento Psicanalítico, relacionado a análise do complexo de inferioridade há um certo consenso quanto ao conceito geral de complexo de inferioridade -

*O problema pode ser visto em termos do desejo do indivíduo humano por poder, embora paradoxalmente (o mesmo indivíduo) também sinta algum tipo de medo da potência desejada. Não conseguindo saciar sua sede de poder, o homem não pode experimentar a auto-satisfação determinada pela realização de uma ação, e, preso em todo esse inferno na corrida para adquirir poder, ele perde qualquer senso de realidade em relação à sua real habilidade, que continuamente superestima, determinando a própria “matéria-prima” que condiciona a existência do complexo de inferioridade.*

O médico e psicólogo austríaco Alfred Adler lançou as bases do conceito sobre o complexo de inferioridade. Sua obra “Estudos sobre a Inferioridade dos órgãos”(1907), contém suas primeiras idéias originais; o indivíduo cujo órgão está enfraquecido tende a compensar essa falha por meio de um forte impulso de auto-afirmação. Este impulso está baseado na agressão, por sua vez expresso como um desejo de poder primordial para o ser humano. Na opinião de Adler, o

complexo a que nos referimos provém de uma inferioridade, funcional ou morfológica, e a pessoa afetada faz os esforços que considera necessários para compensar mais ou menos os “incômodos” causados pela respectiva deficiência. Na contramão do complexo de inferioridade, Adler coloca a superioridade, considerado a sobrecompensação do primeiro; o indivíduo humano a aspiração ao status oferecido pelo poder, também determina a fuga dos indivíduos e se isolam quando sentem à ameaça de um fracasso virtual, e a falta de coragem substitui o ímpeto inicial.

Partindo da perspectiva descritiva do sentimento de inferioridade, tal como tem sido concebido por Alfred Adler, o Romeno, autor da obra “A Maturação da Personalidade”, Tiberiu Rudică, refere-se aqueles que, por uma variedade de razões exagera em uma das duas seguintes direções:

A primeira é a direção da subestimação excessiva e a segunda é aquela da consciência da superioridade do outro. Agindo em virtude excessiva a subestimação resulta na pessoa que se retira para seus próprios sentimentos difamatórios relacionados às habilidades psicológicas limitadas que a pessoa acredita ter. O segundo direciona, a consciência da superioridade do outro, “abastece” com a mesma generosidade o estado que Alfred Adler chamou de “complexo de inferioridade”.

De Adler descobrimos que o complexo de inferioridade domina a vida psicológica e deixa-se captar nitidamente no sentimento da imperfeição, da impossibilidade de realização e nas metas permanentes do homem e da humanidade. Devemos mencionar que esse sentimento de impotência que pode evoluir para a resignação (sempre com consequências para o jovem) pode ser amplificado por um estado material precário, por uma falha física ou por uma educação deficiente.

Por fim, conclui-se que psicopedagogicamente os estudos a esse respeito mostram que, em comparação com um indivíduo não emocional igualmente inteligente, a pessoa emocional não tem chance em uma competição, porque sempre, mas especialmente no contexto de um concurso oficial ou teste de laboratório, o autocontrole e lucidez do não emocional são superiores à falta de autoconfiança e

constrangimento específico do emocional. Como acontece com todos os elementos incluídos na estrutura psicológica do indivíduo, o emocionalismo também se manifesta de maneira diferente de uma pessoa para outra, de acordo com o seu temperamento. O significado de um momento com conotações especiais para o indivíduo é igualmente importante: em algumas pessoas, as emoções são soberanas em sua estrutura, e agem de acordo com ela em momentos cruciais para sua existência. Há também casos em que uma pessoa pode adotar um comportamento apocalíptico em situações que só requerem autocontrole elementar ou um certo grau de concentração (por exemplo, de pé para um exame).

A falta de autoconfiança é consequência de uma autoavaliação errônea na comparação com outras pessoas, o que gerará, por um lado, a certeza de que é praticamente impossível obter um sucesso que outros obtêm e, por outro lado, o medo de repetir a tentativa.